



ISSN: 1983-8379

Muito além do inglês e do francês: um retrato da Toronto cosmopolita em *What we all long for*, de Dionne Brand

Lidia da Cruz Cordeiro Moreira¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo discutir dois possíveis sentidos para o termo cosmopolitismo e analisar como a cidade de Toronto, retratada por Dionne Brand em *What we all long for*, é uma cidade cosmopolita apenas em um desses sentidos, devido à violência e ao preconceito étnico que a caracterizam.

Palavras-chave: Cosmopolitismo; Hibridismo; Diáspora

ABSTRACT: This article aims at discussing two possible meanings for the term cosmopolitanism and analyze how the city of Toronto, portrayed by Dionne Brand in *What we all long for*, is a cosmopolitan city only in one of those senses, due to the violence and ethnic prejudice that characterizes it.

Key-words: Cosmopolitanism; Hybridism; Diaspora

What we all long for, o mais recente romance de Dionne Brand, publicado no Canadá em 2005 e nos EUA em 2008, narra as histórias entrelaçadas de vários jovens de vinte e poucos anos. O romance passa-se na primavera de 2002, mas a narrativa vai e vem entre esse momento e os passados dos personagens. Tuyen e Binh são filhos de pais vietnamitas. Enquanto Binh aproveita o estilo de vida novo-rico e confortável de seus pais, Tuyen é uma artista desconhecida, que rejeita os confortos de viver com a família para sobreviver de sua arte. Ela troca a casa da família em uma vizinhança de alto nível por um apartamento dilapidado no centro da cidade, onde mora e cria sua arte. Tuyen é apaixonada por sua vizinha, Carla, filha ilegítima de mãe ítalo-canadense e pai negro jamaicano, que ainda tenta entender o suicídio de sua mãe, Angie, quando Carla era ainda criança. Além disso, agora ela tem que lidar com os atos delinquentes de seu irmão, Jamal, que vêm aos poucos aumentando em seriedade. Tuyen e Carla estudaram com Jackie e Oku no ensino médio. Jackie é afro-canadense e só namora homens brancos, para fugir das lembranças de sua infância em uma

¹ Doutoranda em Estudos Literários, Literatura Comparada, pela UFMG. Professora de Línguas Portuguesa e Inglesa no IF Sudeste MG, Campus Barbacena.



ISSN: 1983-8379

vizinhança negra e pobre. Oku, filho de pais jamaicanos, é poeta. Ele é apaixonado por Jackie, mas não é correspondido. Ele abandonou o mestrado em Literatura e, aos vinte e cinco anos, ainda vive com os pais, que não sabem que ele parou de estudar. Oku está sempre em conflito com o pai, um homem muito controlador. As histórias desses personagens são narradas por um narrador em terceira pessoa, em capítulos numerados de um a vinte e cinco.

Outro personagem importante no romance é Quy. Sua história, entretanto, é intercalada aos outros vinte e cinco capítulos, em capítulos separados, sempre intitulados apenas *Quy* e narrados em primeira pessoa pelo próprio Quy. Quy, que significa *precioso*, é o irmão há muito desaparecido de Tuyen e Binh, nascido no Vietnã, como seus pais, e acidentalmente deixado para trás, em 1980, quando era apenas uma criança e a família fugia das consequências da guerra e do estabelecimento do comunismo no país. Esse fato marcou a história de toda a família até o presente da narrativa. Quy foi capaz de sobreviver, mas, para isso, teve que se envolver com o submundo do crime tailandês. Ele finalmente encontra – ou é encontrado por – sua família, mas um desfecho trágico o aguarda em seu reencontro. Na verdade, nunca fica claro se aquele Quy era mesmo o menino que eles vinham procurando há vinte e dois anos. Talvez isso explique a escolha pela narração em primeira pessoa nos capítulos dedicados a Quy: ele não é um narrador confiável. Sua história é fragmentada, frequentemente contraditória e cheia de “lacunas”, espaços em branco deixados pela autora. Essa estratégia narrativa espelha a fragmentação, contradições e lacunas que compõem a história do próprio Quy. Além disso, dessa forma, Quy ganha uma voz, mais do que qualquer outro personagem, o que lhe tinha sido negado por sua própria história.

Todos esses personagens são filhos de pais migrantes: “Eles todos nasceram na cidade, de pais nascidos em outros lugares”. (BRAND, 2008, p. 20, tradução minha). A cidade mencionada, onde aqueles personagens nasceram e vivem (com exceção de Jackie e Quy), é Toronto, a metrópole de 3 milhões de habitantes no Canadá. A cidade não é um simples pano de fundo para as histórias dos personagens; ela pode ser considerada como um personagem do romance, talvez a personagem principal. Assim como os personagens, Toronto também é híbrida, nascida de diferentes culturas e etnias. Uma das primeiras noções que atravessa nossas mentes quando pensamos no Canadá é a bipolaridade inglês-francês. Entretanto, o país foi formado por vários outros povos. De acordo com Linda Hutcheon em *Other Solitudes*,

2



ISSN: 1983-8379

“por anos, o bilinguismo e o biculturalismo carregaram o peso de definir o que significava ‘canadense’”. (HUTCHEON, 1991, p. 12, tradução minha). Consequentemente, a contribuição de outros povos para a colonização do país é frequentemente desconsiderada. Atualmente, o Canadá é o país com a mais alta taxa de imigração per capita do mundo. Portanto, a dicotomia francês vs. inglês deve ser evitada, pois muitos outros “Canadá” também existem. Na verdade, nenhuma nação atual, especialmente as mais desenvolvidas, como o Canadá, é tão unificada quanto parece. De acordo com Stuart Hall, “nações modernas são todas híbridas culturais”. (HALL, 1992, 617, tradução minha).

Conforme Brand retrata Toronto no romance, ficamos sabendo que “há bairros italianos e bairros vietnamitas nessa cidade; há bairros chineses e ucranianos e paquistaneses e coreanos e africanos. Cite uma região do planeta e há alguém de lá, aqui”. (BRAND, 2008, p. 4, tradução minha). Todos esses povos habitando Toronto fazem dela uma das cidades mais cosmopolitas do mundo. Em “What is Cosmopolitanism?”, Jeremy Waldron dá o seguinte exemplo de uma abordagem cosmopolita de estilo de vida: “uma pessoa que mora na Califórnia, mas que veio de Oxford, via Edimburgo, e veio para Oxford de algum lugar do outro lado do mundo, no sudoeste do oceano pacífico, para onde seus ancestrais ingleses e irlandeses imigraram no meio do século XIX”. (WALDRON, 2010, p. 163, tradução minha). Waldron acrescenta que esse estilo de vida cosmopolita não se liga a um lugar específico nem a um cenário específico. Uma identidade cosmopolita é, pois, não permanente e heterogênea, e o cidadão cosmopolita é consciente e até mesmo orgulhoso de morar em um “mundo misturado e ter uma identidade misturada”. (WALDRON, 2010, p. 163, tradução minha). Posteriormente, o próprio autor fornece uma definição mais ampla, de modo a incluir não apenas aqueles que experimentaram a mobilidade cosmopolita em primeira mão, mas também aqueles que vivem em cidades cosmopolitas, como Nova Iorque, Paris, Londres e Bombaim. (WALDRON, 2010, p. 166) – e a essa lista podemos perfeitamente acrescentar Toronto. Habitantes dessas cidades são verdadeiros cidadãos do mundo, mesmo que nunca tenham se deslocado para outros lugares e tenham apenas uma experiência em “segunda mão” da mobilidade cosmopolita. Tendo ou não afiliação com qualquer cultura específica disponível naquela cidade, eles já são involuntariamente influenciados pelas muitas culturas presentes.



ISSN: 1983-8379

Uma passagem em *What we all long for* que ilustra vividamente o cosmopolitismo de Toronto é a cena que se passa durante a Copa do Mundo de Futebol de 2002, durante a partida entre Itália e Coréia do Sul, surpreendentemente vencida por esta. Toda a comunidade coreana sai às ruas celebrando o feito, vestidos de vermelho e carregando bandeiras coreanas. A cena descrita por Brand é tão intensa que um observador distraído, estando no meio dela, poderia acreditar estar nas ruas de Seul e não de Toronto. Além disso, não apenas os coreanos celebram, mas muitas outras pessoas, de diferentes origens, juntam-se à festa.

Como canadenses de segunda geração, nascidos nessa cidade cosmopolita, os personagens do romance de Brand têm que lutar para encontrar seu lugar no mundo: “Todos eles, Tuyen, Carla, Oku e Jackie, sentiam-se como se habitassem dois países – o de seus pais e o deles mesmos”. (BRAND, 2008, p. 20, tradução minha). Eles são todos, portanto, sujeitos híbridos que devem viver dentro de pelo menos duas culturas e aprender a negociar entre elas. Segundo Néstor García Canclini, o hibridismo implica em “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas que existiam separadamente são combinadas para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. (CANCLINI, 2008, p. 19). Canclini afirma que é impossível falar de identidade como um conjunto de traços fixos ou como essencial para um grupo étnico ou nação. É necessário agora, com a reorganização de cenários e identidades culturais, investigar as ordens que sistematizam as relações entre grupos. Para tanto, ele propõe que tal investigação seja feita com base nos conceitos de desterritorialização e reterritorialização. Isso significa dizer que a cultura não mais tem uma relação “natural” com os territórios geográficos e que produções simbólicas são relocadas territorialmente. Em outras palavras, migrações multidirecionais relativizam o paradigma binário na análise das relações interculturais.

Uma das práticas mencionadas por Canclini é a arte, e o artista híbrido acredita que a tarefa da arte é questionar as condições nas quais a realidade é construída. Esses artistas têm uma relação questionadora com a sociedade, onde eles veem “movimentos socioculturais vivos e utopias viáveis”. (CANCLINI, 2008, p. 336). Eles querem repensar a realidade através de seus trabalhos. Eles são conscientes de que “redescrever um mundo é o primeiro passo necessário para mudá-lo”. (RUSHDIE, 1991, p. 14, tradução minha). Em *What we all long for*, Tuyen é artista. Em sua arte, ela mistura elementos tradicionais de sua herança cultural

4



ISSN: 1983-8379

asiática com elementos mais urbanos e cosmopolitas. Tuyen é, portanto, uma artista que “combina estruturas ou práticas discretas para gerar novas estruturas, objetos e práticas”, assim como o artista híbrido discutido por Canclini. Nesse sentido, a arte do personagem espelha a arte da autora, pois Dionne Brand é ela mesma uma artista desse tipo. Nascida em Trinidad e Tobago, Brand mudou-se para Toronto aos dezoito anos, para estudar, e nunca retornou. Ela teve que lidar com várias das questões com as quais seus personagens também têm que lidar. No dilema entre a total aculturação e a cultura tradicional, artistas como Brand e sua personagem Tuyen optam por uma terceira alternativa, a qual Stuart Hall chama de “tradução”. Hall usa esse termo para se referir a indivíduos, como Brand e Tuyen, que são produtos nas novas diásporas pós-coloniais e, como tais, foram para sempre deslocadas de suas terras natais, retendo uma ligação com seus lugares de origem, mas sem a ilusão do retorno ao passado.

Como uma escritora “traduzida”, Dionne Brand não tem uma percepção ingênua nem das culturas tradicionais, nem do cenário cosmopolita. Isso explica por que seu retrato da Toronto cosmopolita é bastante desolador. Toronto é certamente uma cidade cosmopolita, no sentido discutido anteriormente; entretanto, se considerarmos outra definição, mais original, de cosmopolitismo, fica claro que a Toronto do romance ainda está longe de sê-lo. As origens da noção de cosmopolitismo datam do século IV a.C. na Grécia, quando o filósofo Cínico Diógenes de Sínope afirmou ser um “cidadão do mundo”, quando perguntado por seu lugar de origem. Com essa resposta, ele sugeriu que somos todos parte de uma comunidade maior que nossa comunidade imediata, todos nós pertencemos à humanidade. Consequentemente, todos os seres humanos têm direito à hospitalidade e amor fraterno, como se fôssemos todos cidadãos comuns ao mesmo lugar. A filosofia de Diógenes de Sínope influenciou a tradição estoica greco-romana, a qual, em resumo, propõe uma irmandade humanista de toda a humanidade, com uma ética aplicável universalmente e em harmonia com as leis da natureza. Portanto, nossa fidelidade última deve ser a outros seres humanos individuais, independentemente de nações e particularidades, tais como etnia, gênero e classe.

Se considerarmos essa definição original de cosmopolitismo, a Toronto de Dionne Brand está longe de se encaixar na definição. Apesar dos muitos grupos diferentes vivendo na mesma cidade, as vidas dos personagens do romance mostram que, nesse cenário, a origem e

5



ISSN: 1983-8379

as particularidades são altamente influentes em seu lugar naquela sociedade. Brand, portanto, contesta a ideia da cidade cosmopolita como um lugar onde as diferenças são respeitadas. Não por acaso, seus personagens principais, todos pertencentes a minorias étnicas e com conexões recentes com o Canadá, têm muita dificuldade em se encaixar:

Eles nunca foram capazes de se juntarem ao que seus pais chamavam de 'vida comum canadense'. A questão crucial, obviamente, era que eles não eram da raça necessária. Não que isso garantisse uma passagem segura, e não que alguém não pudesse ganhar o formato necessário; agir como puxa-saco, agir como tolo; continuar como se não sentisse ou percebesse a rejeição, como se não sentisse a animosidade. Eles simplesmente falharam em ver essa como uma maneira possível de ser no mundo. (BRAND, 2010, p. 47, tradução minha).

Uma consequência clara da exclusão dos personagens é a violência que afeta todas as suas vidas. Oku está sempre preocupado com a possibilidade de ser preso, tenha dado motivos para a polícia ou não. Ele sabe exatamente o que fazer quando parado pela polícia para evitar problemas ou mal entendidos. O pai de Jackie entra e sai da prisão por vários pequenos delitos. A delinquência de Jamal aumenta conforme ele cresce até ser finalmente preso por dois meses e até o trágico final sem volta. Todos os três personagens masculinos personificam, em diferentes graus, o estereótipo afro canadense do "negro machão", que age com frieza e sabe sobreviver. Oku, especialmente, sofre por nem sempre se enquadrar no estereótipo e por não querer enfrentar suas consequências.

A violência ganha destaque no romance próximo ao seu desfecho. Depois que Quy é encontrado por Binh, eles decidem que é hora de reunir a família. Tuyen está cética, mas concorda para o bem de seus pais. Eles dirigem-se a casa dos pais em uma noite de terça-feira, mas, para preparar os ânimos, Binh e Tuyen entram primeiro para conversar com os pais, enquanto Quy permanece na BMW de Binh, ignorante do fato de que novamente não terá uma chance de um final feliz. Simultaneamente, Carla finalmente convenceu seu pai a pagar a fiança de Jamal e, na mesma noite em que Quy aguarda seus irmãos no carro, Jamal e um amigo decidem sair para passear nas ruas de Richmond Hill, a vizinhança novo-rica onde os pais de Tuyen moram. Depois desse ponto, o desfecho torna-se bastante óbvio. Jamal decide roubar o carro de Binh e, depois de uma briga, Quy é deixado meio morto na calçada, enquanto seus pais correm para encontrá-lo e têm que encarar uma nova tragédia. Quy não acredita que sobrevivera a tantos horrores no Oriente, apenas para ter esse terrível destino no



ISSN: 1983-8379

Canadá. Não fica claro se ele realmente morre, mas qualquer que seja seu destino, fica claro que as vidas daqueles personagens estão tão entrelaçadas pela e com a violência, e há tanto tempo, que parece impossível para eles quebrar o círculo vicioso. O romance termina com um parágrafo irônico, no qual Carla imagina o quanto suas vidas melhorarão agora que Jamal saiu da cadeia e ela está livre da responsabilidade, totalmente ignorante do fato de que, em algumas horas, seu irmão terá mudado a vida de sua amiga e vizinha de maneira trágica.

Em suma, em um mundo onde a mobilidade através do planeta tornou-se uma tarefa bastante simples, a migração cresce a níveis nunca vistos antes. Além disso, se no passado certas áreas do globo eram colonizadas e re-colonizadas por fluxos de migração que seguiam padrões rígidos por longos períodos, atualmente, qualquer um pode ir a quase qualquer lugar do mundo por qualquer razão. Cidades como Toronto, com alta qualidade de vida, atraem imigrantes de todo o mundo pelas mais diversas razões, o que faz com que tais cidades sejam cosmopolitas no sentido de agregar povos e culturas de todo o mundo no mesmo local. Todavia, em outro sentido, Toronto está longe de ser cosmopolita. Ela não é, como retratada por Brand, um lugar onde indivíduos humanos são tratados independentemente de quaisquer outros fatores além de sua humanidade. Nesse contexto, o cosmopolitismo ganha um cor mais sombria, menos esperançosa.

Referências

BRAND, Dionne. *What we all long for*. New York: Thomas Dunne Books, 2008.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*. São Paulo: Edusp, 2008.

HALL, Stuart. The question of cultural identity. In: _____ et al (Ed.). *Modernity and its Futures*. Cambridge: Polity Press/Open University, 1992, p. 273-325.

HUTCHEON, L. *Other Solitudes: Multicultural fiction and interviews*. Oxford: Oxford University Press, 1991, 374 p.

RUSHDIE, Salman. *Imaginary Homelands*. London: Penguin Books, 1991. p. 9-21.

WALDRON, Jeremy. What is Cosmopolitan? In: BROWN, G. W.; HELD, D. *The Cosmopolitanism Reader*. Malden: Polity Press, 2010.